

## O SURDO UNILATERAL NA ESCOLA: OBSERVAÇÕES, REFLEXÕES E PERSPECTIVAS PARA PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INCLUSIVAS

## THE ONE-SIDED DEAF IN SCHOOL: OBSERVATIONS, REFLECTIONS AND PERSPECTIVES FOR INCLUSIVE PEDAGOGICAL PRACTICES

Ricardo Desidério 

### RESUMO

A surdez unilateral ainda é uma deficiência invisível e, de certa forma, no contexto escolar, crianças, adolescentes e adultos podem encontrar dificuldades em seu processo de aprendizagem. Porém, frente aos desafios da transformação histórico-cultural da qual a escola faz parte, este artigo, de caráter bibliográfico, tem como objetivo levar o leitor a refletir a invisibilidade do surdo unilateral não apenas na sua garantia de direitos, mas principalmente no seu fazer existir em diversos espaços, assim como na escola, numa perspectiva que pensa em práticas pedagógicas inclusivas para esse aluno. Contudo, pequenas ações cotidianas na prática docente podem contribuir para a melhoria do processo de ensino e aprendizagem de alunos com deficiência auditiva, entretanto, nota-se a necessidade de aprofundar as discussões sobre o surdo unilateral, compreendendo, assim, que o ambiente escolar constitui um espaço que necessita de ações pedagógicas efetivas como possibilidade de aproximação das reais necessidades de todo aquele que convive com a surdez unilateral.

**PALAVRAS-CHAVE:** Surdez Unilateral. Inclusão. Práticas Pedagógicas Inclusivas.

### RESUMÈ

Single-Sided Deafness is still an invisible disability and, in a way, in the school context, children, adolescents and adults can find difficulties in their learning process. However, faced with the challenges of the historical-cultural transformation of which the school is a part, this bibliographic article aims to lead the reader to reflect on the invisibility of the unilateral deaf not only in their guarantee of rights, but mainly in their doing. exist in different spaces, as well as in the school, in a perspective of thinking about inclusive pedagogical practices for this student. However, small daily actions in teaching practice can contribute to the improvement of the teaching and learning process of students with hearing impairment, but, there is a need to deepen discussions about unilateral deafness, thus understanding that the school environment constitutes a space that needs effective pedagogical actions as a possibility to approach the real needs of everyone who lives with unilateral deafness.

**MOTS-CLÉS:** Single-Sided Deafness. Inclusion. Inclusive Pedagogical Practices.

## INTRODUÇÃO

O conceito de inclusão, na década de 1990, amplia as discussões no âmbito educacional e nos leva a refletir sobre um ensino regular não mais de alunas e alunos sem deficiência, mas uma educação para todas e todos. Assim, foi possível pensar, por exemplo, que estudantes com quaisquer necessidades educacionais especializadas não deveria se adaptar à escola, mas, sim, que as escolas devem se adaptar a eles (VITALIANO, 2010).

Hummel; Silva (2017) apontam que o paradigma da inclusão prevê então a inserção de indivíduos com deficiências não somente nos ambientes educacionais, mas na sociedade como um todo, traçando, assim, uma reestruturação de ações e políticas públicas educacionais que garantam os direitos de igualdade da pessoa com necessidades educacionais especializadas nos espaços sociais e educacionais (STAINBACK; STAINBACK, 1999; CARVALHO, 2004; COLL; MARCHESI; PALACIOS, 2004).

Assim, a Educação Inclusiva vem se instalando nas discussões acadêmicas, procurando insistentemente se fortalecer nas ações cotidianas das escolas, mesmo na atual conjuntura política em que não há ações concretas para tais fins, inclusive quando se trata da deficiência auditiva, que traz como pauta de discussão a educação de surdos. Para Nascimento; Santos (2016), a prática de inclusão

[...] e escolarização de alunos surdos pautada na modalidade de educação bilíngue, bem como o início da construção de uma política linguística e cultural adequada a esses alunos, vem acontecendo no cenário nacional amparada em documentos como a LDBEN – Lei n. 9.394/1996, Resolução CNE/CEB n. 2/2002, Lei de LIBRAS – Lei n. 10.436/2002, Decreto n. 5.626/2005, Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (MEC, 2008), Relatório sobre a Política Linguística de Educação Bilíngue – Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa Grupo de Trabalho, designado pelas Portarias n. 1.060/2013 e n. 91/2013 do MEC/SECAD e o atual Plano Nacional de Educação (PNE 2014-2024), aprovado pela Lei n. 13.005, de 25 de junho de 2014, cuja aprovação sem vetos representa um marco para a efetivação da educação bilíngue para surdos em escolas bilíngues ou classes bilíngues (NASCIMENTO; SANTOS, 2016, p. 193-194).

Para os autores, o Plano Nacional de Educação vem para reforçar o “amparo legal que normatiza e determina as formas de atendimento educacional para as pessoas surdas do nosso país” (NASCIMENTO; SANTOS, 2016, p. 194), mesmo que isso não tenha sido de fato concretizado no atual governo.

Contudo, embora se constitua uma deficiência auditiva, a perda auditiva unilateral não se enquadra na definição técnica que assegura ao surdo unilateral acesso aos seus direitos, tal qual são concedidos às pessoas com deficiência. Apesar de alguns Estados já a considerarem em suas legislações, no Brasil, existe um Projeto de Lei n. 1.361/15, do Deputado Arnaldo Faria de Sá (PTB-SP), que ainda precisa ser analisado pelas comissões de Defesa dos Direitos das Pessoas com Deficiência e da Constituição e Justiça e de Cidadania, mas permanece parado desde sua proposição. Afinal, não se trata de uma prioridade na gestão pública.

Assim, nacionalmente, o Decreto n. 5.296, de 2 de dezembro de 2004, restringe a deficiência auditiva à perda bilateral, parcial ou total, de quarenta e um decibéis (dB) ou mais, aferida por audiograma nas frequências de 500 Hz, 1.000 Hz, 2.000 Hz e 3.000 Hz, não reconhecendo o surdo unilateral (BRASIL, 2004). É certo que se trata de um grande avanço para uma participação efetiva na inclusão de pessoas com deficiência, principalmente se pensarmos no atendimento educacional para as pessoas surdas, mas por que tal indiferença entre a pessoa com deficiência auditiva? Por que a surdez unilateral se dá de forma invisível?

De tal modo, este texto tem por objetivo levar o leitor a refletir sobre a invisibilidade do surdo unilateral não apenas na sua garantia de direitos, mas principalmente no seu fazer existir em diversos espaços, assim como na escola, numa perspectiva de se pensar em práticas pedagógicas inclusivas para essa aluna ou esse aluno, tendo, assim, como abordagem metodológica pesquisas bibliográficas que fundamentam tais reflexões.

## **1 SURDEZ UNILATERAL**

Segundo Mondelli et al. (2010), a perda auditiva unilateral é caracterizada pela diminuição da audição em apenas um dos ouvidos, podendo ainda ser responsável por dificuldades acadêmicas, tais como a alteração de fala e linguagem e dificuldades sociais e emocionais.

Sabe-se que os efeitos da perda auditiva unilateral são menores que os causados pela perda bilateral, porém, além do desconhecimento de que a deficiência também existe, ela pode acarretar diversas dificuldades ao surdo unilateral, principalmente ao longo do seu processo de ensino e aprendizagem. Uma das situações de grande dificuldade está em ambientes com muito ruído, neles, os

indivíduos têm grande dificuldade de compreender a fala, tendo que, na maioria das vezes, se posicionar em direção a quem está falando, sempre do lado do ouvido bom. Além disso, um fator que é bastante comprometido também é a localização espacial das fontes sonoras. Segundo Mondelli et al. (2010),

a localização é afetada porque indivíduos com perda auditiva unilateral não tem o benefício do tempo interaural: quando um som provem de uma direção, a diferença de tempo interaural e diferenças de fase de sons contínuos nas duas orelhas permite que o indivíduo determine qual a direção que o som está chegando. A localização favorece no indivíduo o sentimento de segurança dentro de seu ambiente para fins de mobilidade e comunicação [...] (MONDELLI et al., 2010, p. 310).

Neste caso, para as pessoas com surdez unilateral, não há esse benefício, o que dificulta localizar o orador, perdendo-se, assim, a mensagem (MONDELLI et al, 2010). Logo, quando se tem estudantes com surdez unilateral é preciso ficar muito atento. Weich et al. (2012) aponta que:

a perda auditiva unilateral adquirida na infância pode resultar em alterações de fala e atraso de linguagem. Estes atrasos são resultado da pobre estimulação auditiva de uma orelha durante o período crítico de maturação auditiva. Assim, a criança com perda auditiva unilateral apresenta dificuldade na localização sonora e para compreender a fala em ambientes ruidosos, mesmo com a melhor orelha na direção do interlocutor. Na idade escolar, outros problemas podem ser observados, como a reprovação ou necessidade de reforço escolar (WEICH et al, 2021, p. 18).

Uma pesquisa realizada pelo *The Sydney Children's Hospitals Network*<sup>1</sup> (2017) aponta que algumas crianças com perda auditiva unilateral podem ter problemas com o processo de alfabetização, principalmente com dificuldades na leitura e escrita. Indicam ainda que muitas crianças precisam receber apoio dos pais e/ou responsáveis, de modo que reforcem o que ela aprendeu na aula, por exemplo. Já no caso das crianças que não recebem essa ajuda, elas podem ter grandes dificuldades de aprendizagens.

Assim, sem dúvidas, um diagnóstico precoce pode ser muito importante, como os programas de triagem auditiva, que promovem uma intervenção efetiva. A Triagem Auditiva Escolar (TAE), por exemplo, que está prevista na Política Nacional

---

<sup>1</sup> Trata-se de uma rede que tem por objetivo ajudar crianças e jovens a ter uma vida mais saudável, trabalhando em parceria para melhorar a saúde e bem-estar das crianças por meio de cuidados clínicos, pesquisas, educação e defesa.

de Atenção à Saúde Auditiva (PNASA) (BRASIL, 2004), tem o objetivo de avaliar:

[...] sujeitos na idade escolar e detectar precocemente possíveis comprometimentos auditivos, contribuindo para um encaminhamento adequado e melhor prognóstico para o tratamento dos déficits provocados pela alteração. A detecção precoce da perda auditiva em crianças na fase pré-escolar e escolar, visa prevenir dificuldades de aquisição da fala, do desenvolvimento da linguagem, bem como demais aspectos relacionados à comunicação humana e que interferem na qualidade de vida da população (ALMEIDA et al., 2019, p. 74).

Logo, uma vez diagnosticado é preciso ficar atento em sala de aula e garantir que essa criança e/ou adolescente também usufrua dos seus direitos. Assim como as crianças e/ou adolescentes podem enfrentar grandes dificuldades em seu processo de aprendizagem, nos adultos, o impacto também pode ser bastante prejudicial.

A pesquisa denominada *Hearing Review* (GALLOWAY et al., 2019) aponta que a surdez unilateral em um adulto pode afetar não só a vida cotidiana, mas as atitudes e os relacionamentos das pessoas. Os autores então identificaram que as dificuldades podem ser divididas em três categorias: Impactos funcionais; Impactos psicológicos; e Impactos sociais/comportamentais.

Nos Impactos Funcionais, estão barulho e localização, que também são bastante comuns nas crianças. Neles, os participantes descreveram dificuldade em ouvir no ruído e má localização, não sabendo a origem do som. Um outro aspecto identificado nessa categoria foi a fadiga. Os participantes relataram experimentar fadiga devido ao aumento da carga cognitiva necessária durante atividades como conversas em ruído alto.

Já nos Impactos Psicológicos foram identificados medo e ansiedade. A maioria dos entrevistados apontou que a saúde mental foi afetada por sua perda auditiva. Nessa categoria, também foi possível identificar uma alteração na autoestima e dificuldade em situações sociais. Alguns participantes expressaram ter uma percepção própria ruim, na qual se sentiam um fardo para aqueles ao seu redor ou ansiosos e autoconscientes sobre suas dificuldades de comunicação.

Por fim, nos Impactos Sociais/Comportamentais, a pesquisa apresenta uma redução do engajamento social, em que a maioria dos participantes mencionam ter problemas de comunicação em situações sociais, resultando em sentimentos de desconexão do mundo ao seu redor. Em alguns casos, esses problemas fizeram com que o indivíduo se isolasse, evitando situações sociais. Além disso, os participantes

relataram interagir menos com a família e os amigos próximos devido às suas dificuldades. Nessa categoria, também foi observado que há uma grande perda de informações importantes, em que participantes relatam perder informações importantes durante uma conversa, desde as mais triviais, como piadas, o que os deixam com a sensação de que estão fora do contexto. Como resultado, os participantes, muitas vezes, precisam pedir às pessoas que repitam, gerando frustração para o participante e para quem está perto (GALLOWAY et al., 2019).

Assim, crianças, adolescentes e adultos com surdez unilateral precisam de uma atenção especial em seu cotidiano, principalmente em todo seu processo educacional, da Educação Infantil ao Ensino Superior.

## **2 PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INCLUSIVAS**

Segundo Albuquerque (2020), o conceito de prática pedagógica inclusiva de modo geral apresenta-se de forma diversificada e abrangente, referindo-se a inúmeros aspectos e tendências. Para a autora:

[...] os trabalhos voltados para a prática pedagógica inclusiva, ou seja, para o fazer pedagógico, discutem a escolarização dos alunos com deficiência, desde a Educação Infantil até o Ensino Superior. No âmbito da Educação Especial, a prática pedagógica inclusiva manifesta-se, de forma mais acentuada, a partir da Declaração de Salamanca (1994), ocasião em que são estabelecidos Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais (ALBUQUERQUE, 2020, p. 2-3).

Assim, segundo Albuquerque (2020), os estudos sobre prática pedagógica inclusiva, voltados para estudantes com deficiência, “estão centrados nas ações e nas relações entre os sujeitos, no cotidiano escolar e discutem a dinâmica do processo de escolarização na perspectiva da inclusão” (2020, p. 3). Afinal, tal participação possibilita vivenciar experiências que dialoguem com a relação entre teoria e prática. Dewey (2011), alertando-nos para a importância da experiência, aponta para que o educador se atente à individualidade dos educandos e critica a concepção da educação tradicional que pouco os prepara para as experiências no mundo real.

Neste sentido, o conceito de experiência, para Dewey (2011), representa a própria vivência do educando e seus reflexos no processo de aprendizagem. O pensamento deweyano aponta que, por mais óbvio que possa parecer ao educador,

cada criança é um ser único e em constante construção por meio de seu contexto social, cultura e valores morais. Essa construção é então nutrida na contínua articulação entre teoria e prática ou, em outros termos, entre experiência e educação, o que possibilitará pensar em ações programáticas e metodologias, atendendo às especificidades de cada estudante.

Logo, uma prática pedagógica inclusiva deve ser constituída em decisões e fazeres que, segundo Albuquerque (2020, p. 4), possibilitam “o desenvolvimento da diversidade individual e coletiva e, assim, viabilizam o processo de aprendizagem”. A autora ainda nos alerta que “tal prática pedagógica é indissolúvel das relações interativas e afetivas, que estão presentes nas intervenções didáticas, nas atividades decorrentes do currículo e nos seus demais componentes” (2020, p. 5), possibilitando, assim, o fortalecimento na interação do atendimento educacional especializado e o ensino comum.

## ***2.1 O SURDO UNILATERAL NA ESCOLA – ESTRATÉGIAS EDUCACIONAIS***

Técnicas e estratégias planejadas são ações que vão além da interação e comunicação em sala de aula, devendo-se, assim, planejar uma aula com intencionalidade (ZANATA, 2004).

Embora isso seja um fato, as estratégias para serem utilizadas com estudantes surdos unilaterais são muito escassas, não havendo publicações específicas encontradas na literatura. Contudo, o primeiro passo é identificar que há uma aluna ou um aluno com perda auditiva unilateral.

O que o professor pode notar na escola?

- \* Crianças que têm perda auditiva unilateral podem parecer ignorar o professor quando há ruído de fundo.
- \* Essas crianças às vezes podem parecer incapazes de se concentrar e podem copiar o que outra criança está fazendo (em vez de dizer que não ouviram).
- \* Instruções importantes podem ser perdidas, especialmente se a lição de casa for dada quando a turma estiver guardando suas coisas e houver barulho na sala.
- \* Crianças surdas unilaterais podem ter dificuldade em ouvir sons suaves na sala de aula, como 's' e 'f'. Isso pode fazer com que eles tenham problemas para dividir palavras em sons (fônicos) para leitura e ortografia.
- \* Às vezes, essas crianças têm problemas em matemática, pois se perdem em algum passo importante do raciocínio.

\* Eles acham difícil entender e conversar com outras crianças quando há muito barulho (THE SYDNEY CHILDREN'S HOSPITALS NETWORK, 2017)<sup>2</sup>.

Assim, embora tais observações sejam mais evidentes nas crianças, em adolescentes e adultos, também é possível observar sua dificuldade de localização do som, isolamento dentro e fora da sala de aula, entre outras. Devendo, assim, ao professor

[...] criar condições favoráveis ao ingresso e, principalmente, à permanência desse aluno na escola. Essa permanência deve ser considerada não apenas em termos físicos e de socialização, mas deve ter o caráter real da função social da escola no que diz respeito ao desenvolvimento do educando. Esse pressuposto, por sua vez, compreende a idéia de que a equipe escolar e, especificamente o professor, deva centrar seus esforços de modo que a presença desse aluno na escola seja cercada de ganhos acadêmicos e, não só sociais, os quais só ocorrerão mediante uma prática pedagógica efetiva (ZANATA, 2004, p. 55).

Neste caso, é preciso se atentar a diversas possibilidades, sendo primordial o uso de materiais e estratégias visuais, recursos que os professores não podem lançar mão. Contudo, é certo que, muitas vezes, tais recursos podem não fazer parte do cotidiano da escola por necessitarem de ferramentas específicas para seu desenvolvimento, mas o que trago nesse texto são alternativas simples que são parte do contexto escolar, como, por exemplo, as estratégias visuais que, por mais simples que possam parecer, como escrever no quadro ou na lousa e utilizar imagens diversas, são bastante úteis nesse sentido.

Segundo a comunidade *HearMeSpeak*<sup>3</sup>, cujo objetivo é construir uma comunidade de pais de crianças com deficiência auditiva, outros procedimentos podem ajudar no contexto escolar, tais como minimizar ruídos em sala de aula; disponibilizar assentos próximos ao professor; formar dupla com um colega para que estabeleçam parcerias nas atividades; inserir legendas em vídeos; falar e olhar sempre para a criança, possibilitando a leitura labial; e comunicar-se sempre com os pais, por exemplo, conforme quadro apresentado a seguir:

---

<sup>2</sup> Tradução do autor.

<sup>3</sup> Disponível em <https://hearmespeaksite.wordpress.com>. Acesso em 10 out. 2022.



**Quadro 1 – Estratégias Educacionais**

<b>Procedimento</b>	<b>Descrição</b>
Minimizar ruídos em sala de aula	Uma sala de aula pode ser um local de muito barulho. Crianças com qualquer grau de perda auditiva podem ter dificuldade para ouvir as informações importantes quando estão rodeadas por ruídos, pois eles mascaram as coisas importantes que são ditas e precisam ser ouvidas. Mantenha o barulho na sala o menor possível.
Disponibilizar assentos próximos ao professor	Coloque a aluno/o aluno em um assento que possibilite que os dois ouvidos estejam de frente para a fonte do som desejada e longe de sons como os de janelas, parquinho, ar condicionado e outras crianças conversando. Um assento na primeira ou segunda fileira e no centro é preferível. Isso melhorará a oportunidade do aluno de ouvir e observar gestos corporais naturais (comunicação não verbal).
Formar dupla com um colega	Ter um colega de classe que possa ser um apoio amigável ajuda a garantir que a criança que tem perda auditiva esteja envolvida em todas as atividades.
Inserir legendas em vídeos	Mesmo que os vídeos sejam apresentados na língua de origem, as legendas podem auxiliar as crianças com dificuldade de compreensão auditiva.
Atenção focal	Sempre que se dirigir a criança, procure estar olhando para ela, isso poderá ajuda-la a ouvir, facilitando a leitura labial. Além disso, tenha certeza de que você tem a atenção da aluna/do aluno. Diga o nome dele/dela e/ou peça a atenção da classe inteira quando for dizer algo importante.
Pistas visuais e escritas	Que as atividades, avaliações, recados e tantos outros anúncios sejam escritos no quadro ou em um mural específico, assim como em uma agenda semanal que pode ir para casa todas as semanas.
Capacidade auditiva	Crianças com perda auditiva, muitas vezes, têm dificuldade para compreender as falas/novos vocabulários. Assim, professoras e professores devem garantir que a criança com perda auditiva seja incluída nas conversas e verificar se ela ouviu, pois assim, ao invés de repetir, pergunte à criança o que ela ouviu.
Comunicação com os pais e/ou responsáveis	É importante se reunir com os pais e conversar a respeito do dia a dia e dos hábitos da filha/do filho para potencializar os métodos utilizados pela professora/pelo professor, facilitando o ensino, a aprendizagem e o

	desenvolvimento de modo geral. Muitas vezes, outros profissionais já estão envolvidos, como fonoaudiólogos e psicólogos, e é necessário haver essa troca de informações entre família e escola.
--	---

Fonte: HearMeSpeak (2016)

Assim, para que isso ocorra,

[...] é fundamental que o professor tenha acesso a teorias que fundamentem seu trabalho com o propósito de instrumentaliza-lo, promovendo um equilíbrio entre a teoria e a prática, o que, por sua vez, estará fortalecendo a comunicação interpessoal, professor-aluno-colegas de classe e, conseqüentemente, favorecendo o processo ensino-aprendizagem (ZANATA, 2004, p. 61).

Isso possibilitará que a professora/o professor tenha como propósito não a centralização na limitação, mas sempre no potencial de cada estudante (ZANATA, 2004).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora a surdez unilateral ainda tenha sido pouco explorada no campo acadêmico, as adversidades existem, principalmente quando pensamos na aluna/no aluno surdo unilateral que está na escola e que apresenta dificuldades em identificar a localidade do som, de entender quando várias pessoas estão falando ao mesmo tempo, rápidas demais ou, por vezes, muito baixo. Afinal, nem sempre pedir para repetir é uma prática comum entre os surdos unilaterais e fingir estar entendendo pode ser uma saída, pois sempre há uma preocupação do preconceito que isso possa gerar.

Neste sentido, o papel da professora/do professor é fundamental, pois ele poderá criar estratégias metodológicas que contribuirão no processo de ensino e aprendizagem de estudantes surdos unilaterais. Assim, por mais simples que possam parecer, procurar diminuir os barulhos, disponibilizar assentos próximos ao professor, formar dupla com um colega, de modo que possam estabelecer parcerias nas atividades, inserir legendas em vídeos, entre tantas outras, são, sim, estratégias planejadas e que podem ser efetivamente implementadas no cotidiano escolar.

Logo, tais ações numa perspectiva inclusiva não só contribuirão na comunicação entre a escola e o aluno, mas também garantem uma educação para todas e todos. Contudo, fica evidente a necessidade de se aprofundar as discussões

sobre surdez unilateral, uma vez que a deficiência ainda é desconhecida por muitos, além de não haver uma compreensão de que, para a pessoa que tem um ouvido bom e um ouvido comprometido, ela pode, sim, apresentar dificuldades de aprendizagem ao longo de sua trajetória acadêmica. Assim, fica evidente que o ambiente escolar constitui um espaço que as ações pedagógicas, por mais simples que sejam, podem possibilitar uma aproximação das reais necessidades de todas e todos que convivem com a deficiência auditiva unilateral.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Ednea Rodrigues. Prática pedagógica inclusiva: problematizando as adaptações curriculares para estudantes com deficiência. **Anais do Seminário Nacional de Educação Especial e do Seminário Capixaba de Educação Inclusiva / VI Seminário Nacional de Educação Especial/XVII Seminário Capixaba de Educação Inclusiva**, v. 3 n. 3, 2020,. Disponível em <https://periodicos.ufes.br/snee/article/view/34319>. Acesso em: 11 out. 2022.

ALMEIDA, E. R. F. de; ROSA, M. R. D. da; FIGUEIREDO, L. C.; CASTRO, R. D. de; CRUZ, E. C. F. de R.; TRIGUEIRO, J. V. S.; LUCKWÜ-LUCENA, B. T. Triagem auditiva escolar no Brasil: uma análise espacial. **Revista Brasileira de Ciências da Saúde**, [S. l.], v. 23, n. 2, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/rbcs/article/view/48464>. Acesso em: 10 out. 2022.

BRASIL. Decreto n. 5.296, de 2 de dezembro de 2004. Regulamenta as Leis n. 10.048, de 8 de novembro de 2000, que dá prioridade de atendimento às pessoas que especifica, e 10.098, de 19 de dezembro de 2000, que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 3 dez. 2004. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/2004/decreto-5296-2-dezembro-2004-534980-norma-pe.html>. Acesso em: 08 out. 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria GM/MS no. 2.073, de 28 de setembro de 2004. **Institui a Política Nacional de Atenção à Saúde Auditiva**. Disponível em: [https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2004/prt2073\\_28\\_09\\_2004.html](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2004/prt2073_28_09_2004.html). Acesso em: 10 out. 2022.

CARVALHO, Edler Rosita. **Educação Inclusiva**: com os pingos nos "is". Porto Alegre: Mediação, 2004.

COLL, César; MARCHESI, Álvaro; PALACIOS, Jesús. **Desenvolvimento psicológico e educação**: volume 3: transtornos do desenvolvimento e necessidades educativas especiais. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

DEWEY, John. **Experiência e educação**. São Paulo: Editora Vozes, 2011.

GALLOWAY, James; ZHANG, Vicky; MARNANE, Vivienne; HOU, Sanna; STEWART, Greg; BARDY, Fabrice. The Impact of Unilateral Hearing Loss on Adult Life. *The Hearing Review*, 2019. Disponível em: <https://hearingreview.com/inside-hearing/research/impact-unilateral-hearing-loss-adult-life>. Acesso em: 10 out. 2022.

HUMMEL, Eromi Izabel; SILVA, Ricardo Desidério da. Educação Inclusiva: complexidades na formação docente. **REVELLI**, v. 9 n. 2, p. 240-254, jun. 2017.

MONDELLI, Maria Fernanda Capoani Garcia et al. Perda auditiva unilateral: benefício da localização auditiva após adaptação de aparelho de amplificação sonora individual. **Arquivos Internacionais de Otorrinolaringologia** [online]., v. 14, n. 3, p. 309-315, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1809-48722010000300007>. Acesso em: 10 out. 2022.

NASCIMENTO, Grazielly Vilhana Silva do; SANTOS, Reinaldo do. Aspectos Teóricos e Conceituais da Educação de Surdos: conhecimentos para re/pensar a Prática. In: BEZERRA, Giovani Ferreira (Org.). **Educação especial na perspectiva da inclusão escolar: concepções e práticas**. Campo Grande: Ed. UFMS, 2016, p. 191-209.

STAINBACK, William; STAINBACK, Suzan. **Um guia para educadores**. Porto Alegre: Artes médicas Sul, 1999.

THE SYDNEY CHILDREN'S HOSPITALS NETWORK. Ears – Unilateral (single sided) hearing loss: The school child, 2017. **Schn Health NSW**. Disponível em: <https://www.schn.health.nsw.gov.au/fact-sheets/ears-unilateral-single-sided-hearing-loss-the-school-child>. Acesso em: 11 out. 2022.

VITALIANO, C. R. (Org.). **Formação de professores para inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais**. Londrina: EDUEL, 2010.

WEICH, Tainara Milbradt; TOCHETTO, Tania Maria; DE FRANCESCHI, Cacineli Marion de; RITZEL, Rodrigo Agne. Ocorrência de perda auditiva unilateral em crianças submetidas à triagem auditiva neonatal. **Saúde** (Santa Maria), [S. l.], v. 38, n. 2, p. 17-24, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/revistasauade/article/view/4284>. Acesso em: 10 out. 2022.

ZANATA, Eliana Marques. **Práticas pedagógicas inclusivas para alunos surdos numa perspectiva colaborativa**. 2004. Tese (Doutorado em Educação Especial) – UFSCar, Universidade Federal de São Carlos, 2004.

## **Sobre o autor**

### **Ricardo Desidério**

Doutor em Educação Escolar pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP

Contato: ricardo.desiderio@unespar.edu.br

Orcid: 0000-0003-2779-2696

**Artigo recebido em:** 11 de outubro de 2022.

**Artigo aceito em:** 23 de novembro de 2022.